

O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS PARA O BASQUETE: A PESQUISA COMO ESTRATÉGIA NO PROJETO BATE BOLA NA ESCOLA - MUNICÍPIO DE LAGES / SC

VANZUITA, Alexandre – UNIPLAC – tiolexa@hotmail.com

SIQUEIRA FILHO, Valdemar – UNIPLAC – dhemah@uol.com.br

Eixo: Educação de Jovens e Adultos / n. 06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de identificar através de uma avaliação com os alunos da modalidade de Basquete se a pesquisa e a produção de novos conhecimentos são fatores que melhoram o aprendizado da modalidade. Temos como princípio que a pesquisa a partir do conceito de questionamento reconstrutivo são elementos que induzem o indivíduo a dúvida e a busca da produção própria, conduzindo a autonomia e criatividade do sujeito. Constatamos como produto de nossa pesquisa que os alunos percebem a necessidade de avançar no conhecimento da modalidade esportiva, pelo aprendizado do corpo e motivados pela construção de conhecimento, e pela proposta metodológica da produção da pesquisa no ensino do Basquete no Projeto Bate Bola na Escola do Município de Lages.

PALAVRAS-CHAVE: Basquete; Mestiçagem; pesquisa e ensino; corpo; construção de conhecimento.

INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma área de conhecimento que abrange diversos campos na perspectiva da saúde como também tradicionalmente na educação formal em todos os níveis de formação. Para esta abordagem é necessária uma articulação entre as diferentes áreas no âmbito da Educação Física no sentido de não polarizar o debate entre

corpo / mente, teoria / prática, etc, ou seja, a pesquisa e a construção do conhecimento compreendidos como processos que conectam uma grande área como a Educação Física e nela a Educação Formal.

A capacidade de formular hipóteses explicativas, construir conhecimento, sempre se dá pelo viés da pesquisa. Autores como Demo (2005), Morin (2001), Serres (2004) desenvolvem a perspectiva da produção autoral pelo questionamento e exercício da dúvida gerando a aprendizagem pelo corpo. Eles sugerem uma nova abordagem sobre o conhecimento propondo um espírito que leve a pensar, enfim, uma dimensão diferenciada do saber, nutri-se apenas da pesquisa.

Neste sentido, vamos dialogar com os autores promovendo uma reflexão sobre o ensino do Basquete no Projeto Bate Bola na Escola do Município de Lages / SC numa direção onde os alunos são, ao mesmo tempo, aprendizes e professores, buscando integração dessas evidências na ação educativa.

O PROJETO BATE BOLA NA ESCOLA

Este projeto nasceu da necessidade de oportunizar a prática do esporte de jovens de idade escolar de ambos os sexos em vários bairros do Município de Lages. Desenvolvido pela Fundação Municipal de Esportes, com apoio da Secretaria da Educação e Secretaria da Saúde, com o intuito de promover a formação integral, através dos esportes coletivos e individuais e uma opção de melhorar a qualidade de vida e valorização pessoal.

O projeto conta com 10 modalidades diferentes, dentre elas: Basquete, Futsal, Handebol, Voleibol, Tênis de Mesa, Xadrez, Atletismo, Futebol, Bicicross e Dança e iniciou desde 2006 em vários pólos abrangendo escolas e ginásios de esportes, do Município de Lages. Desde o primeiro ano de projeto, na modalidade de Basquete, no Pólo Jones Minosso, estamos desenvolvendo a produção da pesquisa como recurso metodológico para a construção do conhecimento no ensino da modalidade de Basquete. A pesquisa pressupõe afinidade com a leitura, escrita, criatividade, dimensões que fazem com que a pessoa busque e reconstrua o conhecimento.

O Basquete enquanto modalidade altamente complexa no sentido de exigir do aluno uma performance técnica e tática fina, pois se organiza por estruturas de cunho

lógico e, ao mesmo tempo, de maneira a solicitar a criatividade rápida dos alunos e professores na hora da partida, precisa de uma metodologia de aprendizagem que desenvolva no aluno habilidades que somente a pesquisa e produção do conhecimento estabelecerá esta relação ao articular várias áreas do saber simultaneamente, ou em outros termos a mestiçagem (SERRES, 1993) entre o corpo e o conhecimento, neste caso, o conhecimento do Basquete pela pesquisa.

A pesquisa não diz respeito apenas aos poucos iniciados no lapidoso caminho da ciência, embora muitos entendam como mecanismo para formulação de teorias idealistas do conhecimento, contudo a pesquisa destina-se a propagação da dúvida, matéria-prima para a construção teórica que respalda toda e qualquer ação. Para isso, segundo Demo (2003, p. 87) “o professor precisa investir na idéia de chegar a motivar o aluno a fazer elaboração própria, colocando isso como meta da formação”.

A PESQUISA E O ENSINO

A educação passa por um longo período de crise, reconhecida por todos pesquisados. Esta crise indica a necessidade de superarmos o anacronismo do ensino conteudístico, aquele em que o professor repassa os conteúdos aos alunos, objetivando oferecer treinamento de práticas que seriam repetidas ao longo de sua vida social e profissional. A escola até o presente momento pouco soube absorver as influências culturais conseqüentes da industrialização e do surgimento dos meios de comunicação de massa, ainda que este contexto não seja recente. Portanto, novas metodologias que reorientem a relação entre a formação do professor, a pesquisa e a produção do conhecimento precisam ser utilizadas para alcançar um salto de qualidade na educação.

Na universidade, ensino, pesquisa e extensão compõem o tripé que sustenta o fazer acadêmico. Esta tríade implicou, até o momento, uma intencionalidade e não a articulação que coloque em crise a fragmentação destes termos, estabelecendo um processo de hibridização no qual a interface entre cada um seja mais relevante do que a autonomia e isolamento de suas partes. Em outros termos, para a educação o ensino sem a pesquisa rapidamente torna-se obsoleto e a extensão sem pesquisa configura-se em voluntarismo, assim como não existe pesquisa que em sua aplicação não responda às demandas do ensino e da extensão.

O contexto educacional encontrou dificuldades para equacionar a industrialização com sua conseqüente necessidade de atualização informacional, o que não ocorreu com a produção estética, na literatura e na poesia, que no início do século passado, por meio das correntes de vanguarda como futurismo, dadaísmo, etc, rapidamente incorporaram o ritmo, a repetição e o processo maquínico nas suas produções. Aqui no Brasil exemplar é a poesia concreta, reconhecida internacionalmente, mas ignorada pela academia (MENEZES, 1994).

Se a industrialização não influenciou a educação, esperemos que nossa crise sirva de lição para acolhermos a atual pós-industrialização, obviamente não no sentido puramente econômico, mas em seus aspectos polifônicos, que envolvem inovação, conhecimento e pesquisa. Segundo Manzini-Covre (2005), este período reivindica habilidades e conhecimentos incompatíveis com a escola tradicional. Caso não tenhamos o pessimismo como norteador do pensamento e o ideário da missão do professor a ser resgatado, podemos afirmar que a proclamada crise educacional traz em si a solução para a sua superação, como afirma o pensamento marxista.

Vejamos alguns argumentos capazes de contribuir para uma proposta de educação em que a formação do professor articule certos critérios orientadores de sua prática, capazes de atender a estas novas exigências. As mudanças que ocorreram na cultura contemporânea e seu desenvolvimento industrial e tecnológico, no caso da comunicação multimidiática, reivindicam um pensamento necessariamente complexo, capaz de articular em sua lógica a indeterminação, o falibilismo e o acaso, como leis universais e, ao mesmo tempo, que neguem qualquer racionalismo paralisante para a produção do conhecimento. Ou seja, a partir destes termos o ensino seria abordado metodologicamente como um processo de atualização permanente entre docente e discente.

O professor muitas vezes sustenta sua atividade na crença de que seu trabalho tem como função ensinar e, portanto, cabe a ele a responsabilidade unilateral do cumprimento desta tarefa. Em pesquisa realizada na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo (OLIVEIRA, 2005), constatou-se que o professor refere-se à sua atividade como sendo uma missão e, nestes termos, a “missão de ensinar” coloca o aluno na passividade, nega a autoria e a autonomia necessárias ao processo de sistematização do conhecimento, como afirmava Freire (1997, p.125):

O que é preciso na nossa produção de conhecimento na universidade é, na verdade, conhecer, produzir, construir o conhecimento e não memorizar certo discurso do conhecimento (...) eu só aprendo que ensinar não é transferir conhecimentos quando eu aprendo a significação substantiva desta afirmação, no momento em que faço a apreensão do significado profundo desse discurso.

Enfrentar o problema da formação de novos profissionais competentes para as exigências da sociedade consiste na capacidade de sistematização, de inovação e aprendizagem permanentes, cujo instrumento de trabalho só pode ser a pesquisa. Pesquisa neste sentido refere-se a uma ação conjunta entre professor e aluno, cabendo ao primeiro o papel de orientador e ao segundo o papel de autor e responsável pela elaboração do pensamento. Portanto, pesquisa aqui tem um sentido amplo e adequado aos diferentes estágios de escolaridade. Segundo Demo (2003), ela deve abranger do ensino fundamental até a graduação.

Esta abordagem deve incentivar o estudo de teorias produzidas ou traduzidas para a nossa cultura, mais adequadas a dialogarem com nossa realidade, possibilitando ao estudante a reconstrução do conhecimento historicamente acumulado, livrando-se assim das simplificações orientadas pelo modelo eurocêntrico de civilização, pois, citando Holanda (1995, p. 30) sobre a particularidade da cultura brasileira, “A tentativa de implantação de cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências”.

As universidades em nosso país não possuem a mesma tradição, assim como cumprem papel distinto das instituições de ensino do velho mundo. Os professores aqui atuam em um contexto no qual os direitos sociais não orientam as formas de organização da sociedade. Portanto, esta cultura se organiza a partir de pressupostos próprios de que a pesquisa, enquanto instrumento estratégico, é capaz de criar novos conhecimentos para nossas práticas sociais (SERRES, 1993).

A escolha pedagógica pela pesquisa em sala de aula está respaldada em ampla bibliografia acumulada desde os anos 60 do século passado. Enfrentando diretamente as questões acima citadas, deve superar o conteudismo e a fragmentação do conhecimento gerado na universidade. Implica na reorientação do papel do docente e discente, como parceiros na produção do conhecimento. Ou seja, cabe ao docente o dever de orientar o método científico e ao discente a responsabilidade de produzir a pesquisa, de acordo com seu estágio de formação.

À luz de Pierce uma definição muito geral e sintética de pesquisa seria a seguinte: toda investigação de qualquer espécie que seja, nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. (SANTAELLA, 2001, p.111.).

Para a realização dessa proposta em sala de aula é necessário também superar a resistência do aluno, isto porque na pesquisa deve-se contar com sua autonomia, sem a qual a frustração produtiva referida anteriormente como sinônimo de dúvida-desejocriação será reduzida à reprodução mecânica de conteúdos.

A autonomia alcançada pelo discente deve ser capaz de propiciar-lhe a organização da bibliografia para consulta, aprender a interpretar as informações obtidas nas leituras em conhecimento sistematizado. Como afirma Demo (2003, p.101), adquirir o pensamento reconstrutivo.

Não cabe supor que o aluno estude aquilo que aparece como curso. Motivado à autonomia, deve saber encontrar seus caminhos e suprir deficiências de sua formação com iniciativa própria. Por exemplo, é problema dele dominar língua estrangeira, ou, se gosta de um autor, contralê-lo com cuidado, ou se tem dificuldade maior de compreender determinada teoria, dedicar-se a reconstruí-la com afinco, e assim por diante.

O saber reduzido à reprodução mecânica tem proporcionado a busca de resultados que favorecem diretamente àqueles com maior facilidade para decorar, mas que estão longe de alcançar um conhecimento relevante, para a si e para a sociedade. Como resultado desse processo desastroso, o desemprego, mesmo com a formação universitária, atualmente configura-se na dimensão individual, da mesma forma do que o individualismo, produto direto desse treinamento, constituindo-se na grande barreira para a ação cidadã.

Temos observado nos alunos egressos das universidades que alcançaram aprovação em instituições de pós-graduação altamente conceituadas, não pertencerem ao grupo daqueles com maior aproveitamento no histórico escolar, mas que certamente passaram por algum tipo de experiência com a pesquisa, que os qualificou diferentemente em termos de produção do conhecimento.

Morin (1991) aborda a história da educação a partir da afirmação do controle que recaia sobre o conteúdo de ensino na seguinte perspectiva:

Na idade média ocidental, a instrução é privilégio dos clérigos. A clericatura significa, na origem, o estado eclesiástico, mas já no século XV o “clérigo” se tornou na pessoa instruída, no letrado, no sábio, e, embora no seio da Igreja, diferencia-se do padre. Depois, a maior parte do saber moderno escapou à clericatura de Igreja, e o termo “clérigo” laicizou-se e profissionalizou-se. À antiga clericatura sucedeu a intelligentsia e aos “cléricos” sucederam-se os intelectuais. (MORIN, 1991, p.54)

Defender a pesquisa como único processo de produção do conhecimento capaz de superar a crença cega no conteudismo significa também reconhecer as resistências a serem enfrentadas. Obviamente haverá um perfil de docente e discente, não totalmente por responsabilidade própria, que se encontrará muito distante de seu próprio tempo.

Em estudo recente, Vanzuita (2007) aponta que os professores entrevistados em sua pesquisa afirmam a sua importância para a atualização e aprofundamento dos conteúdos em sala de aula. Entretanto, nenhum entrevistado diz saber como usá-la como método para a produção do conhecimento em sala de aula, o que significa dizer que a crença no conteudismo ainda se faz presente na prática do professor, mas a pesquisa começa a surgir como indicativo que orienta o imaginário e neste sentido aponta para a concretização de um futuro diferente.

Se a fragmentação do saber é um dos responsáveis pela crise na educação, a pesquisa segundo autores como Morin (1991), que defende a complexidade do conhecimento, Pignatari (2004), a metalinguagem, Serres (1993), o pensamento comparativo, Demo (2003), o pensamento reconstrutivo, Freire (1997), a educação como autonomia, todos reconhecem que somente por meio da pesquisa somos capazes de realizar a produção e a atualização do conhecimento e esta crença tem passado ao largo destes anos pelo imaginário dos professores. Neste sentido, podemos vislumbrar que a pesquisa irá se consolidar em pouco tempo como instrumento na prática docente.

A PESQUISA NO BASQUETE

O Basquete, neste pólo já citado, como vem sendo trabalhado neste projeto diferencia-se do esporte de alto-rendimento, pelo qual busca a meta da medalha. Trabalhar com a pesquisa numa modalidade, dita extremante técnica e tradicionalmente

centrada na transmissão do conhecimento, recai como um desafio instigante na busca de uma formação que qualifique para o esporte e para a vida. Encontrar uma possibilidade de transformar discípulos, em sujeitos, denota sobretudo questionar e dialogar com a realidade.

Para entender melhor o significado da pesquisa enquanto estrutura e método para o aprendizado do Basquete neste projeto cabe localizar qual pesquisa estamos falando. A pesquisa segundo Demo (2005, p. 10)

[...] consagra o questionamento reconstrutivo, com qualidade formal e política, como traço distintivo [...]. Numa parte, é mister superar a visão unilateral de considerar como pesquisa apenas seus estágios sofisticados, representados pelos produtos solenes do mestre ou do doutor. Noutra parte, pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, representa sobretudo a maneira consciente e contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora. Por outra, pesquisa não é qualquer coisa, papo furado, conversa solta, atividade largada. Seu distintivo mais próprio é o questionamento reconstrutivo. Este é o espírito que perpassa a pesquisa, realizando-se de maneiras diversas conforme o estágio de desenvolvimento das pessoas.

Neste sentido, a aprendizagem do Basquete pelo corpo que, ao mesmo tempo, ensina e aprende de várias maneiras, através do movimento, da imitação, necessariamente pela pesquisa, significa variações e descobertas que somente o corpo pode fazer. De uma forma ou de outra o corpo se articula, nunca em transe, fixo, ele transforma-se e reconstrói-se.

De acordo com Serres (2004, p. 138) “[...] o corpo [...] se movimenta; não se desloca apenas sobre o trajeto daqui para acolá, mas forma-se, deforma-se, [...] estende-se, alonga-se, figura-se, desfigura-se, transfigura-se; poliformo e proteiforme”. Na verdade esta diversidade de aprendizagens são causadas e causadoras por um organismo, intermitentemente, desafiado e desafiador, encontra mecanismos próprios de construção de conhecimento pela pesquisa.

O desafio da pesquisa é multidimensional, pois ao invés de isolar, separar, simplificar, ele vai ao encontro de um pensamento complexo (MORIN, CIURANA E MOTTA, 2003) mistura-se entre o singular e o plural, agrega coisas díspares compreendendo o conhecimento em seu sentido mais amplo.

Sendo o Basquete uma modalidade de apurada possibilidade de construção de conhecimento pelo método da pesquisa refazendo-se pelo questionamento reconstrutivo, ampliando o diálogo entre o saber e o fazer dos alunos e professores não comporta mais apenas com a mera transmissão e instrução. Sabemos que a fragmentação do conhecimento em sítios isolados representam um momento histórico que precisamos superar, e a pesquisa como propedêutica (DEMO, 2005) denota sempre autonomia e busca por parte de ambos os autores da educação, ou seja, professores e alunos, articulando de maneira complexa as demais áreas do saber.

De acordo com Holanda (1995) o povo brasileiro encontra possibilidade de ajuste para sua vida no sentido de buscar mecanismos próprios de construção de conhecimento, ou seja a definição de pesquisa desemboca em nosso trabalho uma perspectiva de desenvolver nos estudantes o fascínio pela descoberta, gerando a imprescindível consideração pela desconfiança da verdade, neste caso as verdades do Basquete e todas as dimensões que cercam esta modalidade, colocando frente a frente as coisas, o corpo e o conhecimento para um novo sentido, duplo sentido, tridimensional, e a pesquisa sendo a ferramenta que seduz e motiva os atores neste processo de formação para o esporte e para a vida.

DIALOGO COM O MÉTODO

Utilizamos como método de análise para a constatação do fator da pesquisa em relação a sua importância para o aprendizado na modalidade de Basquete, uma avaliação com os alunos, no sentido de identificar se o método da pesquisa traz subsídios significativos ou não para a aprendizagem da modalidade e outras dimensões na perspectiva dos alunos. Partimos do princípio que o método da pesquisa é a estrutura de formação mais instigante e que supera as condições competitivas da sociedade contemporânea sobretudo fazendo-se sujeito do processo, pois aquele que pesquisa e produz conhecimento tem habilidade de fazer e fazer-se oportunidade (DEMO, 2005) ampliando a competição em outras práticas para compartilhar e acolher as pessoas.

A realização da coleta de dados aconteceu no próprio período de encontro dos treinos no Pólo, e a disposição das categorias levantadas para análise e avaliação dos alunos em relação ao aprendizado pela pesquisa foram três: a) uma avaliação pessoal

sobre as condições de aprendizagem; b) a avaliação do conteúdo desenvolvido pelo professor; c) sobre o método utilizado para o ensino do Basquete, ou seja, pela pesquisa. O total de avaliados nesta pesquisa abrangeu um universo de 34 alunos, entre 9 a 18 anos de idade.

Primeiramente, a avaliação pessoal dos alunos arrolada, de maneira geral, apontou que para uma melhor performance técnica e tática no aprendizado da modalidade, afirmam a necessidade de esforçarem-se mais nos treinos na medida em que realizarem as atividades de pesquisas. As notas de auto-avaliação foram entre 7 a 10. A alegação de muitos alunos em relação ao aprendizado foi a característica da dedicação durante as aulas, e em outro sentido apenas um aluno traz o ponto de vista diferenciado do processo de ensino-aprendizagem, se colocando como professor e aluno, simultaneamente, como afirma:

A média proporcional que eu daria para mim é 9 pelo tanto que aprendi e fiz alguém também aprender, porque aqui somos todos um grupo que ensinamos o que sabemos [...] pois todos ensinam e todos são professores, além de ajudar a fazermos coisas boas, como não usar drogas [...]. Ao tempo que nós poderíamos estar fazendo malandragem, nós estamos aqui aprendendo um pouco e também ensinando o basquete.

A possibilidade de avançar e produzir conhecimento sendo parte do processo de aprendizagem, igualmente, integrando os estudantes e professores como coadjuvantes e autores, significa uma nova postura frente ao conhecimento e ao ensino, e a aderência a produção da pesquisa enquanto método deve promover relações onde o questionamento reconstrutivo e problematizações permeiam este espaço educativo.

O nosso trabalho enfoca o trato entre o ensino e o conhecimento na perspectiva da produção da pesquisa como referência para o aprendizado, entretanto muitos trabalhos têm trazido a alusão à categoria memória como fator que auxilia a compreensão da história pessoal e cultural de estudantes e professores na prática docente, segundo Carvalho e Durand (2006). A transformação do processo de ensino-aprendizagem tradicional centrado na transmissão do conhecimento em momentos que induzem o sujeito a uma postura crítica frente ao conhecimento e a vida denota, conforme as autoras, a resignificação do passado, o vivenciar o presente e privilegiar o porvir de novas práticas.

Numa investigação recente, Vanzuita (2007), com os docentes de Educação Física de uma instituição de ensino superior buscou enquanto objetivo a compreensão sobre o ensino dentro da universidade e constatou que os professores apesar de desenvolvem práticas conteudísticas na sala de aula, percebem a necessidade de conduzir as suas práticas futuras no sentido da produção da pesquisa no seu cotidiano como método de ensino.

Então se os alunos do basquete conseguem identificar que a proposta da pesquisa é um momento para, ao mesmo tempo, ensinar e aprender, precisamos compreender que os estudantes e professores precisam de uma formação de cunho propedêutico, ou seja, uma perspectiva criativa e auto-formativa, com ênfase na construção do conhecimento.

Sobre o conteúdo ministrado pelo professor, os alunos sinalizaram que foi bastante importante e interessante para o aprendizado, os sistemas de defesa e ataque, arremesso, e outros fundamentos para saber jogar basquete. Também apontam que o professor sempre desenvolve atividades novas durante os treinos de basquete, juntamente com os trabalhos de pesquisas realizados pelos estudantes. Simultaneamente, o gosto pelo conteúdo se constrói de maneira envolvente e articulada aos processos de produção própria orientadas pelo professor atravessado pelo viés da investigação e incentivando a curiosidade.

Podemos citar uma fala de um aluno que reconhece o conteúdo de duas maneiras, afirmando: *“Gosto do conteúdo que aprendemos, pois ele é complexo e muitas vezes fácil de se aprender. Criamos disciplina em casa e na escola”*. Esta abordagem apontada pelo aluno distinguindo que o conhecimento se aprende e se constrói pelo caminho da complexidade substanciado pelo processo da pesquisa atinge seu objetivo, pois entender esta relação constitui-se em um grande avanço para a mudança de modelos de aprendizagem. O mesmo aluno ainda relata sobre o método de ensino: *“Com o método da pesquisa consigo melhorar o aprendizado na escola e no Basquete e evoluir meus conhecimentos sobre a modalidade”*. Então este processo traz novos olhares sobre o que é ensino e responde para alguns autores como Tardif (2002), Arroyo (2004) que o processo de aprendizagem não precisa de receitas ou fórmulas, contudo a pesquisa segundo Demo (2005), Serres (2004), Morin (2001) oferece infinitesimais circunstâncias para a produção de conhecimento.

Em um trabalho pertinente sobre a produção do conhecimento na área da educação no âmbito epistemológico feminista, Eggert (2006) desenvolve uma proposta

de investigação utilizando as narrativas e trabalho artesanal como método para a elaboração de saber, sendo a comparação entre o saber e o fazer destes sujeitos a problemática para uma nova descoberta sobre a resistência feminista no campo acadêmico-científico. Mesmo não utilizando o caminho da pesquisa enquanto método de ensino, mas sim uma perspectiva onde dá valorização aos saberes e fazeres no campo feminista, a autora estabelece em nosso imaginário que podemos concretizar novas formas de aprender e conhecer ligando a um aspecto diferenciado da transmissão do conhecimento, ou seja, não contenta-se apenas com a reprodução do saber.

Acerca da categoria do método da pesquisa substancialmente, os alunos ressaltaram a prioridade para o aprendizado do Basquete, confirmando a hipótese sobre o ponto de vista da pesquisa para a autonomia do pensar, da criação própria, do querer saber mais, da publicização do novo conhecimento, fundamentos que ultrapassam os processos de repetição e transmissão do conhecimento instalados nas escolas, universidades e demais instituições de ensino.

Definitivamente a perspectiva da pesquisa acolhe os demais campos do conhecimento em um único projeto, faz pensar a dimensionalidade do planeta terra como una e plural, ao mesmo tempo, procura as suas especificidades sem deixar de lado o conhecimento geral na construção do conhecimento. Os alunos observaram que o processo de aprendizagem segue o caminho da auto-aprendizagem, neste caso, o sentido da pesquisa, e alguns exemplos disto podemos constatar nos relatos seguintes dos alunos: *“É ótimo porque as pesquisas dão mais conhecimento ao Basquete e muito mais”*; *“Aprendi muito com as pesquisas, porque eu soube mais regras, dicas de sistemas, táticas e exercícios”*; *“Os trabalhos e pesquisas que o professor pede nos ajudam a saber mais sobre o assunto, as pesquisas que eu fiz me ajudam a saber mais”*; *“A pesquisa eu gosto, porque eu aprendo bastante indo pesquisar”*; *“A pesquisa trás muitas coisas novas e eu nem sabia o que era licopeno e potássio e agora já sei pela aprendizagem da pesquisa”*.

Muitos autores da área da Educação Física como Kunz (2001); Taffarel (2003); Freire e Scaglia (2003); Bracht (2003), desenvolveram metodologias de ensino para os conteúdos da Educação Física no sentido de provocar uma ação reflexiva e crítica dos professores e estudantes no âmbito da educação em geral, para a transformação da Educação Física situada num contexto histórico buscando uma auto-afirmação no plano acadêmico-científico, enquanto área de conhecimento, para ultrapassar os modelos

anacrônicos da transmissão do conhecimento, a qual consideramos de suma importância, no entanto não nos comprometemos agora com esta discussão.

A trama da pesquisa também vai orientar os estudantes e professores para uma atitude crítica e reflexiva da realidade no contexto vivido, contudo apenas a crítica encerrada nela mesma vai repetir os erros cometidos no passado, e a pesquisa sempre pressupõe um projeto de futuro, um imaginário de uma “forma em devir” como afirma Lezama Lima (1988).

CONCLUINDO SEM ENCERRAR A DISCUSSÃO

A concepção da pesquisa no ensino da modalidade de Basquete no Projeto Bate Bola na Escola, no pólo Jones Minosso, foi um grande desafio ao longo destes anos. A motivação, o fôlego, a dúvida e criatividade, através do plano da pesquisa, sempre permearam este espaço educativo, voltando às atividades como exercícios básicos, circuitos mais elaborados com engajamento complexo, e jogos desenvolvidos no intuito de formar pessoas com qualidade para a prática do Basquete, alimentados pelo fomento da produção do conhecimento.

O aprendizado nesta perspectiva deve oportunizar ao estudante condições para uma performance desportiva muito rica e priorizar ao máximo uma postura indagadora frente aos problemas do jogo e da vida, sabendo que o corpo é ele mesmo o condutor de energia para a busca de soluções para estas questões. Diante disto, podemos afirmar que a pesquisa sugere sempre uma nova maneira de aprender, saber e ensinar, gerando a autonomia para fazer e fazer-se oportunidade (DEMO, 2005), conforme a necessidade de cada um.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetória e tempos de alunos e mestres. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 2. ed. rev. Ijuí: Unijuí, 2003.

CARVALHO, D. C. de.; DURAND, O. C. S.; Formação de professores para o ensino superior: uma discussão sob a ótica da relação do conhecimento, docência e memória. In: VI ANPED Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. **Anais...** [CD-Rom] Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006. Sem paginação.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

EGGERT, E. Tramando outras formas de conhecimento: entre o trabalho artesanal e o debate temático. In: VI ANPED Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. **Anais...** [CD-Rom] Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006. Sem paginação.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

LEZAMA LIMA, J. **A expressão americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MANZINI-COVRE, M. (org.) **Mudança de sentido, sujeitos e cidadania**. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2005.

MENEZES, P. **A crise do passado: modernidade, vanguarda e metamodernidade**. São Paulo: Experimento, 1994.

MORIN, E. **O método IV – as idéias: A sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Europa-América, 1991.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

OLIVEIRA, D. **Mídia, identidade e movimentos sociais: A perspectiva da comunicação**. Projeto de Pesquisa, UNIMEP, Piracicaba, 2005.

PIGNATARI, D. **Contracomunicação**. Cotia – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SERRES, M. **Filosofia mestiça: Le tiers instruit**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TAFFAREL, C. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. 9. reimp. São Paulo: Cortez & Moraes, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VANZUITA, A. **Tensões identitárias do profissional de educação física: A pesquisa enquanto elemento articulador entre a formação e a cultura da Uniplac**. Dissertação de Mestrado, UNIPLAC-SC, 2007.